

Comunicações Coordenadas

Dia 15/07/2010 - apresentação oral

Museu das Culturas Dom Bosco: No Caminho das Almas Bororo – O direito à memória e a museus

Aivone Brandão e Dulcilia Silva

Aivone Brandão é professora, Museu das Culturas Dom Bosco

Dulcilia Silva é professora, Museu das Culturas Dom Bosco

Objeto:

Rito fúnebre da etnia Bororo

Objetivo Geral:

Dar aos Bororo o direito à memória e a museu

Objetivos específicos:

Desmontar as vitrines do antigo Museu Dom Bosco de Campo Grande-MS onde estavam preservados ossos preparados para o rito fúnebre da referida etnia; fazer a retirada dos ossos sob orientação dos Bororo; supervisionados pelos Bororo, higienizar e acondicionar os ossos para futuramente serem transportados para um novo espaço museal em construção; transporte dos ossos para o novo espaço; realização de etapas do rito fúnebre original para conduzir os ossos até seu espaço expositivo, trabalho realizado por Bororos vindos da Aldeia de Meruri, especialmente para isso.

Metodologia:

O museu considerou que o procedimento ético ideal devia partir da convocação de uma reunião com os Bororo para que estes pudessem

assumir a direção dos trabalhos segundo sua cultura. Assim, a metodologia caracterizou-se pela integração dos conceitos e práticas comuns aos museus no referente à preservação, conservação e acondicionamento de objetos sagrados e os conhecimentos naturais aplicados à mesma situação pelos Bororo; pela consolidação da importância de fazer do museu um espaço de revitalização da memória dos povos que tem seu patrimônio cultural aí preservado; e pelo registro fílmico e fotográfico a partir da autorrepresentação bororo.

Resultados:

Essa experiência retornou à aldeia sob a forma de fotografias e um registro documental em DVD. Foi avaliada e o museu informado de que, a partir daquele momento, a vitrine onde foram depositados os ossos rememorando cenas do ritual fúnebre havia se tornado um espaço sagrado por onde caminham as almas.

Resumo:

Os Bororos priorizam as questões da vida e da morte, que tanto preocupam os seres humanos e as ciências, de um modo geral, buscando na beleza e na profundidade de seus rituais justificar o início e o fim do ciclo da vida humana de uma forma mais amena, por meio da eternidade da alma. Outro fato que o Museu das Culturas Dom Bosco não poderia deixar de considerar é que, para os Bororo, os mortos ali representados pelos ossos e crânios enfeitados, transformaram-se em Aroe e podem circular pelos três céus revisitando a aldeia, seus parentes, tanto para apoiar ou premiar quanto para castigar, uma vez que as metas fundamentais da instituição passaram a ser a promoção de uma abertura democrática à diversidade cultural humana (tanto no sentido do tratamento com seu objeto quanto no tratamento com os seus diferentes públicos) e a desconstrução dos discursos naturalizados sobre o mundo e a

sociedade buscando compreender e experienciar outras lógicas culturais de articulação de sentidos para a realidade. Por isso, o museu convidou os Bororo de Meruri para participarem do plano de desmontagem, acondicionamento e transferência de alguns dos objetos sagrados contidos em seu acervo penas de arara, como mandam as suas tradições a respeito do tratamento do corpo para o enterro definitivo.

Bibliografia:

ALBISETTI, C. & Venturelli, J. A. *Enciclopédia Bororo*, vol.III, parte I (Cantos de caça e pesca), publicação n.5, Campo Grande: Museu Regional Dom Bosco, 1976.

BAITELLO, Norval Jr. *O Animal que parou os relógios*. São Paulo: ANNABLUME, 1997.

CAIUBY NOVAES, Sylvia. “Tranças, cabaças e couros no funeral Bororo; a propósito de um processo de constituição de identidade”, In MARTINS, José de Souza (org.), *A morte e os mortos na sociedade brasileira*, São Paulo: Hucitec, 1983.

CARVALHO, Aivone. *O museu na aldeia: comunicação e transculturalismo no diálogo museu e aldeia*. Campo Grande: Ed.UCDB, 2006.

VIETLER, Renate Brigitte. *Refeição das almas : uma interpretação etnológica do ritual dos índios bororo*. Sao Paulo : Hucitec, 1991.